

ORALIDADE E TEXTO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS EM SALA DE AULA EM TEMPOS DE PANDEMIA

ORALITY AND TEXT: CONVERGENCES AND DIVERGENCES IN THE CLASSROOM IN PANDEMIC TIMES

Maria Francisca Oliveira SANTOS¹

RESUMO

Com atividades da oralidade, em situações interativas e acadêmicas, com a participação de professor e alunos, em uma perspectiva sociointeracionista da linguagem, durante o período da pandemia provocada pela Covid-19, este trabalho objetiva apresentar as ações alternativas para o estudo da oralidade, por meio dos gêneros textuais em nível fundamental, em situação remota. Entende-se por ensino remoto a transmissão em tempo real (síncrono) de aulas quando professor e alunos de uma turma interagem nos mesmos horários das aulas da disciplina. Foi estudado e discutido o gênero reconto de história em sala de aula virtual. Fundamentam este trabalho os postulados teóricos de Flick (2004), Koch (2004), Fávero; Andrade; Aquino (1999), Marcuschi (1998, 2001, 2006, 2008), Santos (2004, 2020), Thompson (2018), entre outros. O trabalho segue uma linha qualitativa, pois as ações se desenvolvem em processo; para a realização dos encontros virtuais, realizaram-se 15 reuniões de aprendizagem pela plataforma *WhatsApp*. Assim, o reconto de história foi recebido do aluno em forma de áudio para transcrição (MARCUSCHI, 1989; PRETI, 2004). Os resultados apontaram ser possível operacionalizar as aulas de maneira remota, identificar as marcas da oralidade e potencializar o aluno para o uso da modalidade oral nas múltiplas situações da sua vida.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero textual; Oralidade; Mecanismos textuais.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pós-doutora pela Universidade Federal da Bahia, (UFBA).E-mail: mfosal@gmail.com.



ABSTRACT

With orality activities, in interactive and academic situations, with the participation of professors and students, in a socio-interactionist perspective of language, during the period of the pandemic caused by Covid-19, this work aims to present alternative actions for the study of orality, through textual genres at a fundamental level, in a remote situation. Remote teaching is understood as the real-time (synchronous) transmission of classes when the teacher and students of a class interact at the same times as the classes in the discipline. The story retelling genre in a virtual classroom was studied and discussed. This work is based on the theoretical postulates of Flick (2004), Koch (2004), Fávero; Andrade; Aquino (1999), Marcuschi (1998, 2001, 2006, 2008), Santos (2004, 2020), Thompson (2018), among others. The work follows a qualitative line, as the actions are developed in a process; for the realization of the virtual meetings, 15 learning meetings were held through the WhatsApp platform. Thus, the retelling of the story was received from the student in audio form for transcription (MARCUSCHI, 1989; PRETI, 2004). The results showed that it is possible to remotely operate the classes, identify the marks of orality and empower the student to use the oral modality in multiple situations in their lives.

KEYWORDS

Textual genre; Orality; Textual mechanisms.

INTRODUÇÃO

Com atividades da oralidade, em situações interativas de sala de aula, com a participação de professor e alunos, em uma perspectiva sociointeracionista da linguagem, durante o período da pandemia provocada pela Covid-19, este trabalho objetiva apresentar as ações alternativas para o estudo da oralidade, por meio dos gêneros textuais em nível fundamental, em situação remota. Entende-se por ensino remoto a transmissão em tempo real (síncrono) de aulas quando professor e alunos de uma turma interagem nos mesmos horários das aulas da disciplina se estudada em modelo presencial, diferenciando-se da educação a distância que aceita as videoaulas gravadas, cujo acesso pode ser feito a qualquer momento (assíncrono).



O trabalho advém de uma proposta do subprojeto em Língua Portuguesa, nomeada *Oralidade e escrita: diálogos possíveis por meio de gêneros textuais em escolas públicas em Arapiraca-Alagoas*, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)., com sede na UNEAL, no período entre 2018/2020, cuja proposta principal consistia em fornecer atividades de linguagem, as quais conduzam o aluno à aquisição de uma competência comunicativa, com atividades que desenvolvam a linguagem em um jogo interativo, que permita, entre outras ações, a produção de certos efeitos pretendidos, além do surgimento de reações de caráter verbal ou não verbal, as quais tenham sido provocadas no interlocutor (KOCH ; ELIAS, 2016).

As ideias continuam em um pensar interativo, razão por que texto é entendido, neste trabalho “como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos” (KOCH, 2004, p.XII), com operacionalização das ideias transmitidas em gêneros que são tomados como “realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas” (MARCUSCHI, 2002, p.23). Assim, com base nisso, perseguiram-se as seguintes perguntas: Apesar da pandemia causada pela covid-19, o ensino remoto foi uma das alternativas encontradas para possibilitar a interação entre professor e alunos? Categorias da oralidade e do texto podem ser contempladas em ensino remoto? A escritura de todo o texto toma por base a resposta a essas indagações.

Desse modo, gêneros textuais orais foram estudados em sala de aula, a exemplo do debate regrado, dos diversos tipos de história de reconto, da entrevista, entre outros. Por questões didáticas, escolheu-se o reconto de história, com transcrições feitas com base em Marcuschi (1989) e Preti (2004). Para a realização dos encontros virtuais, realizaram-se reuniões de



aprendizagem pela plataforma *WhatSappem* um total de quinze quando foi trabalhado o gênero discursivo reconto de história. O *corpus* para análise foi recebido do aluno como atividades em forma de áudios, que, uma vez transcritos, procedeu-se ao processo de análise.

Desse modo, este trabalho buscou formas para que o estudo da oralidade, em nível superior (encontro com graduandos/as) e fundamental (supervisora, pibidianos/as e alunos/as), realizasse, através de ações alternativas, o estudo das marcas e condições da oralidade para que possam atender as condições tidas por professores e alunos nesse período de grande dificuldade vivida pela sociedade. Assim, o texto tem uma grande importância para as aulas na atualidade, porque é preciso haver (re)invenções por professores, alunos e escola para despertarem formas de trabalhar a leitura/escrita no contexto acadêmico vivido nos dias hodiernos.

O trabalho tenta responder às questões feitas com base nos postulados da oralidade em sala de aula em Brasil (1998; 2017); Carvalho; Ferrarezi (2018), Crescitelli; Salazar Reis (2014), Fávero; Andrade; Aquino (2014); Gil Negreiros (2014); Quadros Leite. (2014), entre outros; quanto às questões do texto, do gênero e da interação em Dolz, Noverraz, Schneuwly (2004); Koch (2004), Kerbrat-Orecchoni (2006), Santos (2020), Koch; Elias (2016), entre outros, bem como quanto à metodologia de linha qualitativa em Flick (2004). Inicialmente, discorreremos sobre os aspectos teóricos; depois sobre a linha metodológica e, a seguir, a sua aplicação em textos (gêneros) orais transcritos através da plataforma *Google Meet*.

O trabalho teve como resultado a possibilidade de serem estudadas categorias acerca da oralidade, como, por exemplo as referências dêiticas e as repetições; além disso, atentar-se para o estudo de dados obtidos em aulas



como o valor das ações conversacionais, a concepção sociointeracionista da linguagem, gêneros orais, entre outros; e, finalmente, respondermos às perguntas feitas no início do trabalho.

1. CONSTRUCTOS TEÓRICOS ACERCA DA ORALIDADE PARA O TRABALHO

As contribuições teóricas, neste trabalho, tomam as pontuações de Brasil (1998;2017); Carvalho; Ferrarezi (2018), Fávero; Andrade; Aquino (2014); Marcuschi (2001), entre outros, que apontam teorizações, ilustrações e pistas acerca dos procedimentos e do fazer atividades orais, no espaço de sala de aula, para a aquisição das competências necessárias que engendrem o bom desempenho oral do discente.

Inicialmente, pontua-se que, para Carvalho; Ferrarezi Júnior (2018), nas escolas brasileiras, por vezes, a oralidade é esquecida, sendo a leitura/escrita notadamente enaltecida, embora, ao longo da história, a sociedade tenha valorizado a modalidade oral, a exemplo da Grécia Antiga, onde a Retórica era conceituada como a ciência mais relevante, a aptidão à fala era valorizada de modo significativo. Nesse sentido, defendem Fávero; Andrade; Aquino (1989) e Marcuschi (2008) que, apesar de as crianças já chegarem à escola sabendo falar, há, ainda, um trabalho importante a ser feito sobre a oralidade na instituição para que ela tenha domínio das competências mais complexas da língua.

Nesse sentido, os PCNs- Língua Portuguesa (Terceiro e Quarto Ciclos, 1998) indicam que o ensino da oralidade deve constar na pauta das escolas, com a missão de preparar os discentes para a realização de apresentações públicas orais, de modo que essas atividades estejam dentro de um contexto



que os possibilite perceber que a fala mais formal da língua é adequada para determinados eventos e não, necessariamente, para todas as situações de comunicação dos seus usuários (BRASIL, 1998, p. 25).

Por outro lado, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC - Ensino Fundamental (2017) indica, neste documento normativo, as competências e habilidades que norteiam o trabalho da oralidade nas aulas do Ensino Fundamental, das quais foram destacadas algumas: a *reflexão* sobre as condições de produção dos textos orais, com inclusão dos que circulam na esfera digital e nos demais campos sociais; *estímulo* à compreensão de textos orais; e as *relações* entre as modalidades oral e escrita da língua, considerando os meios sociais e as situações comunicativas, com destaque para os aspectos da variação linguística (BRASIL, 2017).

Desse modo, Marcuschi (2001) centra-se na importância dos estudos da oralidade, por meio da análise dos livros didáticos; e evidencia neles não haver qualquer referência de importância a esses citados estudos, seja pela prioridade nas abordagens atribuídas à língua escrita, com menções acerca dela; seja pela falta de conhecimento dos atributos de valor obtido pelo exercício das manifestações faladas. Desse modo, o autor percorre pelas concepções de linguagem que circulam nos livros, perseguindo outros pontos ligados ao lugar em que a língua se encontra no material analisado, com buscas do seu verdadeiro papel nas relações sociais e, finalmente, indica sugestões que podem ser adotadas pelo professor em qualquer escola para aplicação e uso dos estudos da oralidade.

Quando às concepções de língua, o autor considera a que melhor a define: “como dada manifestação particular, histórica, social e sistemática de comunicação humana” (IBIDEM, 2001, p.20) com características apontadas



pela heterogeneidade, indeterminação, historicidade, interatividade, sistematicidade, situacionalidade e cognoscibilidade.

Na análise dos livros didáticos, tal concepção não aparece; o que há é uma língua como um conjunto de regras gramaticais (ênfase no estudo da gramática), ou como instrumento de comunicação e, enfim, como meio de transmissão de informação, que se caracteriza pelo uso do código. Assim, Marcuschi (2001) entende que a abordagem da fala deve ter um lugar específico na escola com palavras como norma padrão, dialeto, sotaque, entre outras, para formar a consciência de ser a língua não homogênea nem hemolítica.

O autor apresenta alusões ao fato de a língua falada acontecer na interação face a face, que propicia que os efeitos da interação verbal circulem, “por ser tida, portanto, como uma contribuição para a compreensão do que se entende quando se afirma que o homem é um ser social (MARCUSCHI, 2001, p.28). Sugere ainda uma concepção de língua falada e escrita, com semelhanças e diferenças, mas não dicotômicas, pois “Não se trata de imaginar diferenças ou semelhanças e sim relações de contínuo, pois não existem, entre fala e escrita, diferenças que perpassem todo o contínuo, pois não são essenciais, mas sim graduais e sempre multifacetada” (IBIDEM, 2001, p.28).

De todas as pontuações feitas, Marcuschi (2001) explicita algumas categorias a serem trabalhadas no espaço da sala de aula, como a análise da polidez e sua organização da fala; da prosódia, dos sotaques, do léxico, das estratégias comunicativas; das hesitações, repetições, dos marcadores conversacionais, dêiticos (audição de fitas com que representem as diversas regiões brasileiras ou de pessoas diferenciadas quando ao sexo, à idade, à profissão), além das construções que marcam as estruturas oracionais da



língua falada, entre outras sugestões de aplicabilidade das manifestações de língua falada em espaço social da escola.

Ainda como contributo para o trabalho, Fávero; Andrade; Aquino (2014), em *Reflexões sobre a oralidade e escrita no ensino da língua portuguesa* pontuam as características da língua falada e escrita, com foco na teoria da oralidade, nas atividades de formulação textual e nas possibilidades de como trabalhar em sala de aula com a língua falada e a escrita. Assim, com base em Marcuschi (2001), as autoras apontam os pontos comuns entre as duas modalidades de língua, representadas pela dialogicidade, negociação, situacionalidade, coerência, dinamicidade, pelos usos linguísticos e pelas funções interacionais com diferenças, no entanto, na perspectiva do uso, dentro de um *continuum* tipológico. Atentam para a importância de integralizar fala/escrita, o que pode se dar de maneira paralela.

Para as autoras, a interação, componente de toda atividade verbal e não verbal, tem um papel muito importante no texto falado e escrito, pois orienta ou modifica o desenvolver do tópico discursivo, ou melhor, faz emergirem ações expressas em linguagem limitada ou expandida pelos graus de interação entre os interlocutores; consideram que a configuração contextual que envolve esses sujeitos (características sociais, psicológicas e relacionais) também influi na interação da fala e da escrita; enfim, afirmam não ser possível confundir situação e contexto, pois o primeiro refere-se ao espaço físico; o segundo, que é intrínseco, ao ato verbal.

Com grande contribuição para este trabalho, as autoras apontam não ser possível pensar em língua falada e língua escrita como categorias invariantes; reconhecer o processo de formulação de texto da fala e da escrita, para melhoria da produção escrita dos alunos; ter os processos



de gravação, transcrição e retextualização, pelos quais os alunos passam, como essenciais para apreensão das especificidades da língua, com seus efeitos de sentido. Salientam ainda que a oralidade aparece no discurso escrito, com o objetivo de tornar o texto mais acessível para o leitor, a exemplo da linha jornalística, o “que traduz, no uso de marcas de oralidade na escrita, sua manifestação de criatividade e de modernidade, buscando influenciar o leitor e criar os efeitos de sentidos pretendidos” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2014, p.27).

Na mesma esteira de assunto, Crescitelli; Salazar Reis (2014), em *O ingresso do texto oral em sala de aula*, refletem sobre o ensino, os motivos pelos quais esse ensino não tem recebido igual tratamento ao da escrita, com alguns itens teórico-metodológicos e algumas sugestões para o trabalho na escola. Inicialmente, as autoras aludem, entre outras razões, que o valor conferido à língua está vinculado “a uma postura ideológica de grupos dominantes em determinados momentos históricos mobilizados em prol da conquista e da manutenção do poder (IBIDEM, 2014, p.30). Assim explicado, a escrita ocupa um lugar de supremacia não pelos critérios intrínsecos à própria língua, mas pelas relações de poder e pelo prestígio de determinados grupos.

A seguir, as autoras fazem remissão aos PCN (1998) quanto ao conteúdo de Língua Portuguesa cuja proposta está centrada em torno dos usos da língua oral e escrita, bem como da reflexão que se tenha acerca da língua e linguagem. Aparecem pontuações acerca do texto e do ensino e da escola; os primeiros apontam não o texto como unidade básica da língua, advindo daí um tipo de ensino centrado em segmentos descontextualizados, mas como uma perspectiva do conjunto que compreende o texto como evento discursivo.



Para este trabalho, as pontuações de Crescitelli; Salazar Reis (2014) são pertinentes quanto às características do texto oral (audível, espontâneo, irrepitível e contextual); ao processo de retextualização e ao trabalho com a variação linguística. Assim, para o primeiro caso, tem-se o trabalho com gravação do texto oral, para depois, submetê-lo a procedimentos de transcrição e a estudo das estratégias de sua construção, a exemplo da repetição, dos dêiticos, entre outras. Para o segundo, aparece transformar uma transcrição do texto oral em escrito como uma atividade de retextualização, procedimento muito importante por envolver compreensão e interpretação da forma e do conteúdo. Enfim, aparece em sala de aula, o trabalho com a variação linguística, o que poderia ser feito por meio de uma análise dos níveis de fala (coloquial, comum, padrão etc.), bem como da variação linguística quanto aos gêneros orais.

Selecionam-se do artigo em foco princípios que contribuem certamente para a valorização do texto oral, quais sejam: “o homem é um ser social que fala; portanto, todas as práticas sociais que realiza decorrem da oralidade, incluindo a escrita; e o ensino da oralidade não pode ser confundido com ensinar a falar, e não se restringe a isso [...]” (IBIDEM, 2014, p.38). Então, deduz-se que, havendo condições e metodologias apropriadas ao ensino do texto oral, certa modalidade de língua falada terá respeito e devido prestígio que a escrita.

Ainda no contexto de estudo da oralidade em sala de aula, cita-se Quadros Leite (2014), em *Interação pela linguagem: o discurso do professor*, em que analisa, por meio da linguagem, a interação entre professor e alunos, em três aulas, duas de ensino médio e uma de ensino superior. Trata-se de um cenário de aula em que o professor é não somente detentor do conhecimento,



mas também da palavra. Nesse universo, a autora atenta para o fato de a interação apenas acontecer, quando as competências (linguística, discursiva, textual, interdiscursiva, intertextual, pragmática e situacional) forem de domínio comum entre professor e alunos, e a habilidade de formar imagem for adequada à situação de comunicação. Nesse sentido, enuncia: “a adequação da linguagem verbal à situação e o manejo da linguagem verbal, isto é, de como usar o signo verbal, são competências sem as quais não é possível a realização, com êxito, da interação”(QUADROS LEITE, 2014, p.57).

Após análises acerca dos aspectos interacionais, a autora aponta situações de uso da linguagem por professor e alunos que podem propiciar o desenvolvimento participativo dos alunos nos turnos e, certamente, na constituição do turno conversacional, o que pode ser evidenciado nos seguintes pontos: a) uso pelo professor de uma linguagem próxima à do aluno, com vocabulário simples, metáforas populares, entre outras expressões que façam fluir a interação; b) na perspectiva de uso e expressões na linguagem pelo professor, este poderá usar estratégias de polidez, as quais certamente conquistam o aluno; c) além disso, o professor poderá imprimir em sua linguagem um caráter de afetividade com a matéria, o que poderá envolver o aluno no conteúdo; isso se dá pela recorrência de diminutivos do texto que está sendo explicado. Diferentemente disso, aparece uma situação de sala de aula em que o professor é conferencista, e, assim sendo, sua aula não é participativa, pois não há as intervenções dos alunos, ou, se aparecem, é com escassez.

Ainda fazendo parte dos estudos da oralidade, cita-se Negreiros (2014), em *Oralidade e poesia em sala de aula*, em que evidencia marcas lexicais, sintáticas e discursivas da oralidade no texto poético de Manuel



Bandeira, bem como apresenta sugestões para o trabalho com esse texto, envolvendo professores de ensino fundamental e médio. Entre os vários pontos, salienta que o discurso oral aceito “como modo de ação linguístico, que ocorre por meio da oralidade, na presença espaçotemporal ou apenas temporal (no caso das conversas de telefone) a um interlocutor, que será constantemente considerado como coenunciador do discurso em uma atividade interativa (NEGREIROS, 2014, p.75). Assim, são várias as caracterizações apontadas para esse discurso: a) atividade que ocorre na presença espaçotemporal ou apenas temporal; b) coenunciação acontece porque falante e ouvinte são sujeitos ativos que agem o outro e sobre o mundo; produção na/pela ação de interação entre os interlocutores; e d) dominância de um discurso (médico, por exemplo) sobre o outro (paciente).

Negreiros (2014) sugere ainda em seu texto um debate em aula de Língua Portuguesa ou de Literatura acerca dos recursos orais no texto poético, sobre o uso desses recursos por professor e aluno, com qual frequência e em quais situações; além do mais, sugere questionamentos das diferenças entre o uso das marcas orais no texto poético e na fala do cotidiano, com perguntas como: “Qual a finalidade dessas marcas no Texto poético? O que elas representam? O que significam? Qual o sentido dessas marcas no poema? Que tipo de enunciador, “que pode ser chamado de ‘eu lírico’” (IBIDEM, 2014, p.77). O autor evidencia que há muitas possibilidades de melhor trabalhar o texto poético, nas questões alusivas à oralidade.

Com base nas contribuições teóricas apontados, este trabalho, que objetiva desenvolver a oralidade em escola pública, no interior de Alagoas, por meio do projeto PIBID, pontua que essa categoria é pouco ensinada nessa escola, como afirmam os PCNs- Língua Portuguesa (Terceiro e Quarto Ciclos,



1998) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC - Ensino Fundamental (2017); acentua a entrada de assuntos da oralidade como as construções que identificam estruturas oracionais da língua falada, entre outros (MARCUSCHI, 2001); defende as características referentes à língua falada e escrita (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2014); acentua as características do texto oral, o processo de retextualização e o trabalho com a variação linguística (CRESCITELLI; SALAZAR REIS, 2014); assinala entre os aspectos interacionais em sala de aula, as estratégias de polidez e o caráter de afetividade na linguagem do professor (QUADROS LEITE, 2014) e, enfim, assinala a realização de debates para a discussão de recursos orais no texto poético, bem como a elaboração de perguntas que orientam o trabalho com a oralidade (NEGREIROS, 2014).

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS: A ORALIDADE EM SALA DE AULA

Nesta parte, faz-se referência, por um lado ao exercício da fala que pode implicar uma interação para Kerbrat-Orecchioni (2006); por outro, a uma ideia de interação em tempos de pandemia de acordo com Thompson (2018) e aos aspectos metodológicos que envolvem para sua concretização o gênero discursivo oral reconto de história escolhido para este trabalho e as duas análises propostas para este trabalho.

2.1. A INTERAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Para a realização deste trabalho, aceita-se que, no desenvolvimento de uma troca comunicativa qualquer, os diferentes participantes podem exercer uns sobre os outros um conjunto de influências mútuas, daí gerando ações interativas (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Como este trabalho ocorre em tempos de pandemia, foi preciso que o próprio conceito de interação fosse



adaptado e reinventado a fim de atender às necessidades sociais às quais as pessoas estão expostas. Assim, Santos (2020) faz comentários acerca da interação, com base em Thompson (2018), que faz uma tipologia caracterizada como a) *interação face a face* com contexto de copresença, cenários espaço-temporal comuns, caráter dialógico e multiplicidade de sinais simbólicos; b) *interação mediada* com diferentes categorias espaciais e temporais, limitação na dialogia e diminuição de sinais simbólicos; c) *quase interação mediada*, que é da comunicação de massa por meio de livros, jornais, rádios além de outros meios, por apresentar um caráter monológico e “ser orientada a um aspecto indefinido de potenciais destinatários” (THOMPSON, 2018, p.20).

Associada a essas interações, aparece a *interação mediada on-line*, a defendida neste trabalho, uma vez que se adapta plenamente às execuções do ensino remoto pelo uso da plataforma *google meet e, WhatSappe* que corresponde melhor à que se enquadra nas linhas da revolução digital, bem como no crescimento da internet, com inclusão ainda de outras formas de educação em rede. Com a evolução e o desenvolvimento dos meios de comunicação, formas de interação entram em processo de redefinições conceituais, para que melhor contribuam para a eficácia da comunicação, causando maiores benefícios às relações sociais.

2.2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

O trabalho segue uma linha qualitativa, pelo fato de as ações se desenvolverem em processo. Nesse sentido, Flick (2004, p.17) enuncia que a pesquisa qualitativa tem sua relevância específica para as realizações sociais, ao considerar que existe “uma pluralidade das etapas da vida”. Além disso, Oliveira (2005, p.37) assim explica sobre a referida pesquisa: “um



processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

Desse modo, para a realização dos encontros virtuais, realizaram-se reuniões de aprendizagem pela plataforma *WhatsApp* um total de quinze. Foi trabalhado o reconto de história; o aluno, após entrevistar um ente querido, sobre qualquer item de caráter pessoal, a história foi recontada e gravada em áudio, que era enviado ao professor para audição e posterior processo de transcrição, conforme Marcuschi(1989) e Preti (2004).

Para o desenvolvimento das ações em sala de aula para o estudo do gênero textual oral reconto de história, foi aplicada uma sequência didática destinada à produção e ao estudo de textos orais, com base no modelo apresentado por Dolz, Noverraz, Schneuwly(2004, p.882), os quais enunciam: “é possível ensinar e escrever textos e a exprimir-se oralmente em situações escolares e extraescolares”. Assim, na ação relacionada à coleta dos dados (gêneros textuais orais), foi perseguido o que preconizam em relação à sequência didática “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (IBIDEM, 2004, p.82).

Quanto à abrangência dos gêneros em relação às condições de produção, há aqueles mais gerais, pertencentes a grupos específicos; há outros mais recorrentes no ambiente da instituição escolar. Desse modo, fez-se a escolha de um gênero que ecoasse e facilitasse mais o aprimoramento da produção de textos orais ou escritos pelos alunos. Desse modo, inicialmente, fez-se a apresentação da situação de estudo de gêneros orais; depois da escolha entre vários gêneros, fazendo-se a escolha do gênero reconto de história.



As etapas posteriores são representadas por: a) Questionamento sobre o relato com perguntas sobre o que os alunos percebem no ato de contar ou de recontar, o que acontece, quais as referências de espaço e tempo, culminando com a assistência a um vídeo; b) Apresentação do relato como gênero textual, com estrutura organizacional e características; c) Realização da entrevista oral, reagavação caso haja necessidade, recebimento de áudios e, enfim, a realização do reconto, obedecendo a princípios e procedimentos como falar e ouvir livremente, expressão de ideias com liberdade, para depois de o texto ser transcrito, ser possível seu estudo.

A entrevista, de acordo com Carvalho; Ferrarezi Júnior (2018, p.98) é muito significativa por possibilitar ao aluno entrevistador a ação de conduzir o rumo da conversa e permitir que outra habilidade seja treinada, a de respeitar o turno do outro, com a construção de atos de cortesia e civilidade. Assim, o material coletado foi gravado em áudio e enviado por meio do aplicativo *WhatsApp* para transcrição de acordo com as normas dos autores já referidos. Foram enviados e recebidos 15 vídeos com recontos de história, dos quais foram retirados apenas dois para análise das produções orais dos alunos.

2.3. RECONTO DE HISTÓRIA

Para o estudo dos gêneros textuais orais em sala de aula, uma grande lista desses gêneros atenderia às necessidades éticas pretendidas para o desenvolvimento em sala de aula da natureza cooperativa para a prática do diálogo, como os ditos populares, as adivinhas e charadas, a entrevista, entre outros (CARVALHO; FERRAREZI JÚNIOR, 2018). No entanto, foi o reconto de história o gênero contemplado para atender a pelo menos



dois objetivos éticos; “manter o diálogo num nível de cortesia e respeito adequados às pessoas e ao local em que ocorre; e b) procurar falar a verdade” (IBIDEM, 2018, p.45).

Foi pertinente ainda discutir a língua materna através do trabalho com os gêneros nas aulas, em particular com o Reconto de História, mediado pelo processo de ensino-aprendizagem em interação on-line. O Gênero em foco estimula a audição compreensiva e, de maneira gradativa, a interpretativa, cumprindo, assim, não somente o papel de desenvolver um conteúdo didático, mas também de uma habilidade que, certamente, acompanhará o aluno em seu convívio social.

2.4. AS ANÁLISES

As análises representam o reconto de história que provém da entrevista feita por alunos a um ente querido, estruturalmente apresentado por um único turno, por ser uma narração dos fatos ouvidos por ocasião da referida entrevista. O texto exhibe as características da modalidade falada, como repetições, pausas, marcadores conversacionais, entre outras (MARCUSCHI, 2001), além de suas especificidades como ser audível, espontâneo, irrepitível e, obviamente, contextual (CRESCITELLI; SALAZAR REIS, 2014). A seguir, aparece a análise 1.

olá eu sou eliza' sou do sexto ano c... e eu entrevistei a minha mãe... o nome dela é aline e ela nasceu aqui na cidade de arapiraca... a infância dela foi muito tranquila' a adolescência também... a profissão dela é ser cabeleireira e:: ela encerrou o ensino médio... quem incentivou ela foi a minha... tia' a irmã do meu pai que faleceu... e ela gosta muito da profissão que ela exerce né... ela até vive me incentivando... para eu tentar né... ajudar ela... e... na verdade ela não gostaria ela não queria ter essa profissão antes ela queria ser jornalista' até que um



dia ela me contou né... mas ela gosta muito dessa profissão... é::: ela acha que foi a profissão que escolheu ela né... e:: ela tem mais de dez anos que ela tá com essa profissão... obrigada e tenha um bom dia.
(*Corpus* da pesquisadora)

A narração começa quando Alice (nome fictício), após entrevistar sua mãe, discorre acerca do lugar do nascimento dessa mãe, das suas lembranças da infância e adolescência, da escolaridade e da profissão. Trata-se realmente de um gênero da modalidade oral, marcado pelas repetições, pausas, marcadores conversacionais, expressões dêiticas, os quais dão expressividade, clareza e encanto para a apreensão do sentido das ideias transmitidas ao interlocutor.

Entende-se que o aparecimento das repetições no texto falado, tal como enuncia Marcuschi (2006), constitui uma estratégia de reformulação textual que mais aparece na oralidade; monitora a coerência textual; facilita os processos de coesão e de sequências mais compreensíveis, bem como permite a continuidade tópica e beneficia as ações interativas. Desse modo, na narração dada, aparecem várias repetições que se dão igualmente pelo mesmo elemento anafórico, como a forma *ela*:: “... e eu entrevistei a minha mãe... ela nasceu aqui na cidade de Arapiraca (ela referencia minha mãe); ela encerrou o ensino médio... quem incentivou ela foi a minha...”; “... na verdade ela não gostaria...” “... ela não queria ter em...”; como em *dela*: “... o nome dela é aline..., “..... a infância dela foi muito tranquila...”, “... a profissão dela é ser cabeleireira...”, “... profissão dela é ser cabeleireira...”; além da unidade lexical *profissão* em: “não queria ter essa profissão antes ela”, “mas ela gosta muito dessa profissão...é:::” ela acha que foi a profissão que escolheu ela né...” Observa-se que, cada vez que a palavra é repetida, entra



em cena uma nova ideia, aparece uma nova realidade, nunca retratando a mesma ideia, pois “...repetir as mesmas palavras num evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa”(MARCUSCHI, 2006, p.220).

O relato de história pelo aluno mostra-se não somente como uma oportunidade de ordenar ideias para melhor expressar o que fora ouvido e captado na entrevista, para depois elaborar uma narração do que ouvira, mas também como um caminho de incentivar a sua capacidade criativa e ilustrativa, o que mostra mais uma função importante desse tipo de gênero textual. Isso pode ser explicado na análise 1, quando o aluno, ao reportar-se à temática da profissão, enuncia: “... ela acha que foi a profissão que escolheu ela né...”, isto é, metaforicamente, o aluno deixa entender que a mãe está muito bem profissionalmente.

O texto falado ainda se caracteriza por apresentar construções paralelas, ligadas entre si pela presença ou não de um operador linguístico argumentativo, como nas sequências paralelas: “e eu entrevistei a minha mãe...”, “e ela nasceu aqui na cidade de arapiraca...”, “e:: ela encerrou o ensino médio...”, “e ela gosta muito da profissão que ela exerce né... ela até vive me incentivando... para eu tentar né... ajudar ela...”, entre outros exemplos. As ideias paralelas no texto falado indicam uma relação de semelhança ou contraste que ocorre entre palavras e orações, com contribuições para uma melhor coerência e legibilidade textuais.

A seguir, a análise 2 traz outro relato de história, com o qual o aluno Cristian Matheus Inacio Lucena (fictício) narra os fatos que ouvira do entrevistado acerca da sua história de vida. Observa-se também a referência à memória do leitor quando remete à tecnologia atual, ao tratar da infância



saudável do pai, quando assim se expressa: “a infância dele como fala ele’ foi muito divertida sem essa *tecnologia* de hoje...”.

O texto apresenta categorias que foram apontadas e estudadas em sala de aula, como as repetições, marcadores conversacionais, dêiticos etc. (MARCUSCHI, 2001). Por ocasião das suas ações linguísticas, os alunos interagem entre si e entre os outros, com a realização de atividades verbais e não verbais. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2014); certamente, para que o aluno chegue a operacionalizar o seu relato, houve necessidade de o professor aproximar a sua linguagem à desse aluno, com uma linguagem acessível e apreensível em seu conteúdo. As considerações acerca do citado relato aparecem ainda a seguir após a sua visibilidade.

boa tarde’ meu nome é cristianmatheusinaciolucena... eu estudo na escola de ensino fundamental X e eu vou relatar... toda a minha entrevista com o meu pai... primeiramente... o nome... seu nome... é reginaldo de lucena silva’ ele nasceu em arapiraca alagoas... a infância dele como fala ele’ foi muito divertida sem essa tecnologia de hoje eles viviam bem..... a profissão dele é marceneiro... a incentivação do trabalho dele foi o pai... ele nunca sonhou em estar nessa profissão... ele fez faculdade e parou pela metade... que foi administração... ele tem cinco irmãos... a religião dele é a católica... o hobby dele é tocar e cantar... ele sabe tocar violão’ guitarra’ teclado’ baixo’ etc... o instrumento que ele prefere tocar é o violão... e o maior sonho de infância que ele realizou como conta ele... é que tivesse um carro... uma família’ filhos e é isso... muito obrigada pela entrevista...

O relato de história em análise exibe formas linguísticas que exigem a remissão a elementos contextuais para explicação de referências às categorias de espaço e tempo, bem como às de pessoa. Desse modo, recorre-se a estruturas dêiticas que criam “um vínculo entre o contexto e a situação enunciativa em que se encontram os participantes da comunicação” (CAVALCANTE;



CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.85). Assim, aparecem muitas referências às pessoas do discurso como em um diálogo enunciativo em que há um “eu”, que, em vários momentos, é realmente designado, como em: ... “*eu estudo na escola de ensino fundamental X*”; “*e eu vou relatar...*”, caracterizando assim a dêixis pessoal, representada por qualquer “expressão que se refira às pessoas que, de fato participam do ato comunicativo (BATISTA, 2012, p.62). Além disso, no decorrer da narração, há expressões utilizadas pelo aluno que apontam para lugares situados como “na escola” e “arapiraca alagoas” em: “na escola de ensino fundamental”; “ele nasceu em arapiraca alagoas...” (dêixis espacial), bem como para demarcações de tempo em: “essa tecnologia de hoje”, “... a infância dele como fala ele” em que *hoje e infância* “fixam uma fronteira de tempo que toma por referência o posicionamento do eu falante no momento da comunicação (IBIDEM, 2012, p.91)

A oralidade em sala de aula tem um papel social por conduzir o falante (aluno) a não ter constrangimento quando, ao enunciar fatos na sua narração como um demarcador de episódio na narrativa (KOCH, 2002) como aparece em “primeiramente... o nome... seu nome... é reginaldo de lucena silva” não apresentar sua continuidade temática. Nesse caso, o interlocutor (professor) ativa a sua memória em busca de palavras como “depois”, “em segundo lugar” para promover a continuidade temática, recorrendo ao entendimento do conteúdo narrado.

Quanto ao processo referencial do relato de história, há, em sua maioria, um elemento introdutor “meu pai”, a que são feitas as remissões no relato, as quais caracterizam a anáfora correferencial, como em a) a minha entrevista com o meu pai... primeiramente” e “ele nasceu em arapiraca alagoas” e b) “a incentivação do trabalho dele foi o pai...”, “... a religião dele



é a católica”. O conhecimento de mundo e os elementos contextualizadores são indispensáveis para o falante (professor) reaver informações que não são informados no texto falado. Assim é que, quando esse falante (aluno) discorre acerca da infância do pai, no fragmento a seguir: “... a infância dele...foi muito divertida sem essa tecnologia de hoje eles viviam bem.....” o uso do pronome substantivo “eles” recobre no imaginário do interlocutor (professor) a ideia de família em que há a figura do pai e da mãe, razão de aparecer uma expressão anafórica plural

As duas análises do gênero textual reconto de história viabilizam ser possível trabalhar a oralidade em ambiente escolar, assim se concretizando em uma sala de aula de alunos do ensino fundamental, amparados pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), em escola pública do sertão alagoano, em universidade do Estado de Alagoas. As duas análises apontaram elementos conversacionais e textuais como as repetições, os marcadores, as formas referenciais, entre outros, que fornecem não somente a leitura organizacional do gênero em estudo, mas também a interpretação com possíveis (re) criações dos sentidos discutidos durante o percurso explicativo do citado gênero textual.

CONSIDERAÇÕES

A ideia deste artigo foi mostrar ações alternativas para o uso das modalidades de língua falada e escrita, com ênfase na primeira, desenvolvidas em um período de pandemia provocada pela Covid 19, em escola da rede pública, por ocasião da aplicação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Infere-se nessa situação a necessidade de o professor, agente mediador do ensino-aprendizagem, ter atividades (re)



inventivas para saber adequar-se às modificações provocadas por razões do clima, da saúde e do ambiente e, mais especificamente, dos efeitos tecnológicos na sociedade atual.

O trabalho sustenta uma fundamentação teórica quanto aos estudos da oralidade em sala de aula, às questões do texto, do gênero e da interação e quanto à metodologia de linha qualitativa. Com todo essa descortinar de ideias, foi possível promover ações como, por meio de vídeos recebidos por *WhastSapp*, com preparações anteriores, ensinar a professores e alunos as especificidades da língua falada e escrita, com maior enfoque nos estudos da oralidade, em ambiente escolar

Inicialmente, foram apontadas perguntas cujas respostas conduziram todo o trabalho: a primeira relaciona-se a dizer que, apesar da pandemia causada pela covid-19, se o ensino remoto poderia ser uma das estratégias com possibilidades de haver interação entre professor e alunos; a segunda procura evidências quanto à contemplação do ensino de categorias do texto e da oralidade. Essas duas questões se imbricam, pois, os professores realmente (re)inventaram com o uso da tecnologia, o que propiciou o estudo do gênero reconto de história vivenciada, com explicações teóricas e práticas acerca do estudo das categorias referenciadas, a exemplo, da repetição, da referenciação, entre outras.

As respostas explanadas neste artigo evidenciam a possibilidade e a necessidade de mais estudos com foco nas modalidades de língua falada e escrita em escola da rede pública, apesar das dificuldades financeiras pelas quais passa essa entidade de ensino. Sugere-se que os estudos da oralidade componham as atividades curriculares nas escolas, para não somente auxiliarem no caráter organizacional e descritivo do diálogo,



mas também ensejarem a criação no aluno da sua capacidade intelectual, imagética e profissional, mas também permitirem que se torne um ser de igual competição em qualquer sociedade.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Introdução à pragmática**; a linguagem em uso. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. 600 p. em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 04 jan. 2021

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: língua portuguesa**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2020

CARVALHO; Robson Santos de; FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar**. São Paulo: Parábola, 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CRESCITELI, Maercedes Cunha; SALAZAR, Reis. O ingresso do texto oral na escola. In: ELIAS, Vanda Elias (org.). **Ensino de Língua portuguesa, oralidade, escrita, leitura**. São Paulo: Contexto, 2014.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In:



SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005

_____; _____; _____. Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa. In: ELIAS, Vanda Elias (org.). **Ensino de Língua portuguesa, oralidade, escrita, leitura**. São Paulo: Contexto, 2014.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

KOCH, Ingedore. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da Conversação: princípios e métodos**. Tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARCUSCHI; Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. 5 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Oralidade e Ensino de Língua: uma Questão Pouco “falada”. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. In: **O livro didático de português; múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucena, 2001.

_____. Repetição. In: Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran e Ingedore Grunfeld Villaça Koch (Orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. vol. I – Construção do texto falado, pp. 219-254.



MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEGREIROS, Gil Roberto Costa. Oralidade e poesia em sala de aula. . In: ELIAS, Vanda Elias (org.). Ensino de Língua portuguesa, oralidade, escrita, leitura. São Paulo : Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PRETI, Dino (org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2004.

QUADROS LEITE, Marli. Interação pela linguagem. O discurso do professor. In: ELIAS, Vanda Elias (org.). Ensino de Língua portuguesa, oralidade, escrita, leitura. São Paulo : Contexto, 2014.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **A interação em sala de aula**. Recife: Bagaço, 2004.

_____ et aliae. Oralidade e gêneros discursivos: uma prática em aulas do ensino fundamental subsidiada pelo pibid/uneal (2018-2020). In: SILVA, E. B. da: SILVA JUNIOR, S. N. **Na sala de aula, língua e literatura**. Arapiraca: Eduneal, 2020.

THOMPSON, Jonh B. **A interação mediada na era digital**.V.12 - N° 3 set./dez., São Paulo, 2018, pp. 17-44.

